

Horto do IGC: Formação para o diálogo de Saberes

Horto do IGC: Formation for the Dialogue of Knowledges

Fabio Augusto Martins¹, Crisangela Elen Souza²

¹Graduando em Ciências Socioambientais pela UFMG, bolsista do programa Cultivando Outras Cidades, do Grupo de Estudos em Agricultura Urbana - AUÊ!, pelo edital Democratiza da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, e-mail: fabio.augsmartins@gmail.com ; ²bacharel em Geografia e graduanda em Ciências Socioambientais, ambos pela UFMG, bolsista do programa Cultivando Outras Cidades, do Grupo de Estudos em Agricultura Urbana - AUÊ!, pelo edital Democratiza da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, e-mail: crisangelaelen@gmail.com

Resumo

Neste trabalho será apresentado um pouco sobre a experiência do projeto de extensão Horto do IGC: Formação para o diálogo de Saberes como uma prática em educação agroecológica, trabalhando a confluência entre diferentes saberes e compreensões de mundo em espaços não convencionais de ensino construídos coletivamente por estudantes, no Instituto de Geociências da UFMG, para o bem-viver.

Palavras-chave: ancestralidade, saberes tradicionais, educação

Abstract

In this work, a brief overview, will be presented on the experience of the extension project Horto do IGC: Formation for the Dialogue of Knowledges as a practice in agroecological education, working on the confluence of different knowledges and understandings of the world in a non-conventional teaching spaces collectively built by students at the Institute of Geosciences of UFMG, for well-being.

Keywords: ancestry, traditional knowledge, education

Introdução

O projeto Horto do IGC: Formação para o diálogo de Saberes foi concebido pela autoria e iniciativa da então estudante de Geografia, Crisangela Souza, com apoio de estudantes da UFMG e simpatizantes voluntários e do Núcleo de Estudos em Agroecologia Urbana da UFMG - AUÊ!. Ele surgiu a partir da experiência de Crisangela com o projeto do Jardim Mandala, localizado na Faculdade de Educação - FAE da UFMG, também de iniciativa estudantil, criado e coordenado pelo estudante de artes plásticas, Wellington Dias, sendo caracterizado e conhecido pelos seus frequentadores como um lugar ‘mágico’ de descanso e energização através das plantas, e também com o sítio CETAS, em Mateus Leme - RMBH, comandado por ‘Pedrão’ e Francisca que trabalham com ervas medicinais. A princípio, o Horto do IGC seria um espaço de descanso e repouso para os frequentadores do Instituto de Geociências da UFMG, incluindo a Crisangela, que, devido a falta de um espaço como este no prédio, caracterizado por sua estrutura cinzenta de concreto e cimento, se torna um lugar extenuante em face da grade de horas diárias que alunos e funcionários precisam passar no

local. Isto provocou Crisangela a elaborar o projeto e buscar ajuda do Auê para que o espaço, até então pertencente ao Divisão de Áreas Verdes¹, fosse cedido para sua elaboração.

Em 2018 o projeto deu seu primeiro passo, com auxílio financeiro do Edital de fomento da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis - PRAE da UFMG e ajuda de voluntários em mutirões, ganhando sua primeira ‘cara’, e o cuidado de perto através de Crisangela. Porém, em 2020, com o início da pandemia do vírus Sars-Cov 2, devido às restrições de acesso e trânsito de pessoas dentro da universidade, o projeto sofreu uma paralisação temporária fazendo com que o mato tomasse conta do espaço. Somente a partir de 2022, com o retorno às aulas presenciais foi possível a organização de novos mutirões e a retomada do Horto. Nesse mesmo ano, o projeto ganhou a forma de extensão universitária e foi selecionado para o edital Democratizar da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, ganhando a possibilidade de contratação de dois bolsistas, dentre eles a própria Crisangela Souza e Fábio Augusto, estudante de graduação em Ciências Socioambientais, que começaram a trilhar essa nova fase do projeto, com coordenação e orientação das professoras Janise Bruno, Márcia Lousada e Heloisa Costa.

Atualmente o projeto Horto do IGC: Formação para o diálogo de Saberes tem o objetivo de promover e divulgar o conhecimento sobre plantas medicinais e seus usos, estabelecendo diálogos entre conhecimento científico e tradicional, aprimorando as capacidades de identificação das plantas, suas recomendações de uso e cuidados necessários, salvaguardando a sua importância como patrimônio cultural material e imaterial, e dessa maneira incentivando a memória cultural por meio de tais saberes. Para tal, são ofertadas oficinas de formação, prezando pela mediação de Mestres e Mestras do Saber, com intuito de promover uma interlocução entre saberes tradicionais, populares, técnicos e acadêmicos, potencializando-se a integração do Horto como um espaço de formação, entendendo que a sala de aula não é o único espaço com essa potencialidade, possibilitando o aprendizado pela experiência individual e coletiva, vivenciada com outros sujeitos e atores sociais. A implantação e manutenção do Horto do IGC tem também como objetivo a construção de um espaço de convivência, energização, aprendizados, trocas e, desta forma, estimular o bem viver para com seu público, sendo esse composto por estudantes da universidade, servidores e funcionários, e comunidade externa que venha a frequentar o espaço e as atividades do projeto.

¹A Divisão de Áreas Verdes (DAV) pertence ao Departamento de Gestão Ambiental da UFMG (DGA) e é responsável pelo manejo e manutenção dos canteiros, árvores, jardins e grama de toda a universidade.

O projeto também está ligado ao Programa CULTIVANDO OUTRA CIDADE: Extensão, pesquisa-ação e ensino do AUÊ! que acolhe projetos que buscam a interlocução do trabalho docente com ações extensionistas no grupo AUÊ! IGC/UFMG. O Programa visa a construção colaborativa de conhecimentos e saberes agroecológicos e ecológicos na cidade de Belo Horizonte (BH). Também está inserido no projeto vigente "Tramas comunitárias para educação ambiental e produção de sistema agroflorestal no território do Parque Ecológico do Brejinho", bairro São Francisco (BH). O projeto, em linhas gerais, busca promover saberes agroecológicos e ecológicos, prezando pelo diálogo entre o público do projeto e os mestres dos saberes tradicionais e populares.

Descrição e reflexão sobre a experiência

Entender a educação e a formação fora das salas de aula é um papel essencial para entendermos a vida e outras formas de se relacionar com ela que não seja através da prescrição técnica e consumista da modernidade. Outras noções como o autocuidado, a tradição, a ancestralidade e a oralidade são ferramentas que possibilitam uma relação mais harmoniosa com as formas de vida que nos circundam, sendo elas humanas ou não, abrindo espaço para a prática do bem viver. No espaço de formação do Horto do IGC possuímos um pequeno ervanário medicinal, plantas alimentícias não convencionais e ornamentais, todas plantadas em ações coletivas de mutirões e que são utilizadas nas oficinas de educação ambiental agroecológica, de cosméticos naturais e no preparo de chás. Elas são cultivadas e manejadas pelos estudantes do prédio que colaboram de forma coletiva nas regas diárias e no próprio manejo. No espaço também encontramos redes de balanço, bancos e almofadas para melhor acomodar o descanso necessário para todos nós em rotinas turbulentas como a universitária dentro de uma metrópole. Ainda não possuímos dados específicos sobre o papel do espaço para a qualidade de vida dos frequentadores, mas as redes estão sempre ocupadas, assim como os bancos e as almofadas, e recebemos constantemente elogios referente ao Horto sobre o conforto que o espaço representa.

Os mutirões são a principal atividade de formação e tem como principal objetivo a manutenção do espaço através de capinas seletiva, plantio, reposição de cobertura de solo, compostagem de resíduos das podas, trabalhando e trocando conhecimentos relativos ao cultivo de plantas medicinais e seus usos populares, agroecologia, diferentes usos da terra e seu papel social. Os mutirões mobilizam principalmente estudantes e professores da UFMG, mas atraem constantemente pessoas externas à comunidade universitária, como pais e parentes dos estudantes, pessoas ligadas aos movimentos agroecológicos de Belo Horizonte e Região

Metropolitana e outras pessoas que sentem prazer em cultivar a terra. As atividades são sempre aos finais de semana, preferencialmente aos sábados na parte da manhã, com muita descontração e trabalho. As atividades são distribuídas conforme a demanda do espaço e cada participante é livre para atuar no que se sentir mais à vontade, podendo inclusive sugerir atividades, prezando pela construção democrática, livre e coletiva. Em todas as atividades do Horto do IGC também é oferecido um lanche compartilhado com contribuição de cada participante, inspirado na recepção de nossas avós, em terreiros de matriz africana e em festejos populares, que sempre são feitos com abundância em alimento, responsável pelo conforto e harmonia dos presentes no seu desfruto, pois como diz o ditado, “saco vazio não pára em pé”.

Dentro e fora dos mutirões também são realizadas oficinas, com orientação de Crisangela, de pomadas, chás, gel para dores, todos à base de plantas e rodas de conversas com mestres e mestras do Saber com intuito de trazer mais diversidade e complexidade às práticas educativas do espaço. Já passaram pelo espaço a Rainha Conga de Minas Gerais, Belinha Casimira, a Raizeira e Mestra Tantina, Cacique Eni Carajá, em tempos e momentos diferentes e que atraem a participação e atenção de quem passa.

Figura 1: Logotipo de divulgação do II SNEA.



Fonte: Aba (2016).

Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia

O contato com outras formas de conhecimento e, principalmente, de viver a vida é essencial em tempos onde a técnica e consumismo imperam nas relações. Ao convidar mestres e mestras do saber para o espaço universitário, o Horto do IGC, ocupado e transformado pela ação de estudantes, trabalha essa disruptura. Podemos fazer um paralelo com monocultivos agrícolas, sabendo que esses são extremamente caros, segregadores e geradores de latifúndios, a ideia de um conhecimento universal e preso na rigidez da técnica é extremamente nocivo e empobrecedor, transformando pessoas em máquinas, sem qualquer respeito às identidades de origem e as experiências sensoriais individuais e coletivas.

Trabalhar a diversidade de pensamento se apoiando em saberes tradicionais e populares é uma forma de reconhecer a herança ancestral que compõe nossa sociedade, seguindo a linha de raciocínio anterior, a biodiversidade de um sistema agroecológico é o ponto chave para seu desenvolvimento e longevidade. Através dela se constrói ambientes propícios para reprodução da vida em que os ecossistemas podem interagir para elaboração de um habitat cada vez mais complexo e equilibrado (GOTSCH et Agenda Gotsch, 2013). O acúmulo de biomassa e energia, associadas ao manejo e transposição dessa energia para outros locais do sistema, ajudam na sua regulação, à medida que outras necessidades surgem através de sintomas. Como vai dizer Altieri (2004), “ se a causa da doença, das pragas, da degradação do solo, por exemplo, for entendida como desequilíbrio, então o objetivo do tratamento agroecológico é restabelecê-lo”(p.24). Essa metodologia busca então sempre trabalhar a dinamização e transformação da energia do sistema na chance de equilibrá-lo, tal qual a natureza atua em seus processos vitais. Essa dinâmica também pode ser observada em nossas vidas, por exemplo quando fazemos exercícios para aliviar as tensões e trazer bem estar ao nosso corpo, pensando ele como uma grande agrofloresta com uma biodiversidade de 10 trilhões de células, que nos comunica os sintomas e suas necessidades, e nós buscamos atendê-las a fim de trazer esse equilíbrio, entendendo que a ordem natural da vida é continuar os processos de acúmulo e transformação de energia, que não acontecem sem ação do tempo e do manejo.

Trago essa reflexão para entendermos que os processos dentro da agroecologia são basicamente processos de escuta e observação, acompanhados de uma noção técnica ou um conhecimento prévio, seguidos de ação ou manejo. Isso nos remete aos etnoconhecimentos que, como já mencionado através dos saberes tradicionais, buscam entender os segredos da natureza e concebê-los na vida cotidiana como forma de ser e estar no espaço, garantindo o respeito e o equilíbrio de forma a prosperar a vida. Sem esses conhecimentos, talvez não saberíamos como prosperar a agroecologia da forma que conhecemos hoje.

Dentro do projeto Horto do IGC é trabalhando a construção de um espaço de formação a céu aberto em contato direto com a terra com o objetivo formar pessoas no saber fazer, saber ouvir e saber observar, trabalhando as diferentes possibilidades de confluência dos saberes tradicionais com os estudos agroecológicos e outras formas de conhecimentos, através dos usos tradicionais por de trás das ervas, da valorização dos espaços universitários e de outras práticas de ensino-aprendizagem, em conjunto da comunidade universitária. Tal construção coletiva de conhecimento possibilita uma elaboração mais sensível do conhecimento, como vai dizer o professor indígena, Isaac Pianko, do povo Ashaninka, em uma entrevista gravada para o documentário Educação Escolar Indígena - Uma História de Conquistas (NUNES, 2006), o

papel dos mais velhos nas escolas oferece esse intercuro de saberes, em uma espécie de encruzilhada, onde:

“Dentro dessa diferença de metodologia de trabalho, de pensamento, de mundo, você cria um ponto de reflexão dentro do seu mundo dentro da comunidade. Então isso vira uma discussão aqui (apontando para si) e no mesmo instante, você está levando dentro de você uma experiência de prática de trabalho diferente disso tudo que existe dentro da sua comunidade.” (PIANKO et NUNES, 2006)

Considerações finais

Diante do exposto e através das experiências do projeto, sua atuação como espaço de formação é recente, mas que já vem mostrando belos frutos, trazendo vida e ocupando o território da universidade com práticas disruptivas de educação, dando seus primeiros passos através de oficinas, mutirões de manejo e rodas de conversa com mestres e mestras do notório saber. O principal desafio do projeto são formas de angariar recursos para dar continuidade na manutenção do espaço com compra de material para as oficinas e ajuda de custo com transporte dos mestres e mestras, em vista que a extensão universitária ainda não possui uma legislação e/ou um fatia específica no orçamento anual da universidade. Parte do dinheiro utilizado no projeto tem origem em chamadas de permanência estudantil da PRAE e doações. Outro desafio seria maior divulgação e abrangência do projeto entre os alunos do Instituto e da universidade que ainda é muito limitada, sendo empregadas estratégias como banners com uma breve introdução ao projeto e interação através dos grupos de whatsapp e oficinas.

O maior desejo é que o projeto seja apropriado pela comunidade universitária e seja multiplicado, valorizando os saberes populares e tradicionais e o protagonismo estudantil, que por sua parte, a exemplo do próprio projeto, tem muito a oferecer a universidade e a sociedade em geral. Garantir que mais espaços como este existam na universidade pode ser uma forma de torná-la mais democrática, justa e culturalmente dinâmica.

Referências

Agenda Götsch. **Fundamentos 1**. 24 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QdlrDHgJhBE>>. Acesso em: 15/05/2023

ARGÜELLO, C. A. Etnoconhecimento na escola indígena. **Cadernos de Educação Escolar Indígena**. Barra do Bugres – MT: Unemat. v.1, nº 1. p. 92-99, 2002.

Bluevision. **A bluevision de Ernst Götsch**. 12 de julho de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KTcuPLRgj5M>>. Acesso em: 15/05/2023

Brigada de Audiovisual Eduardo Coutinho. Agroecologia e Educação | Escola de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto. In: **Educação e Agroecologia**. 30 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6ZQPpsMcsmc>>. Acesso em: 15/05/2023

Centro de Referência em Educação Integral. **Escola Rural de Ouricuri (PE) valoriza experiência dos estudantes com o semiárido**. 02 de Setembro 2014. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/experiencias/escola-rural-de-ouricuri-pe-valoriza-experiencia-dos-estudantes-semiarido/>> Acesso em: 15/05/2023

DIEGUES, Antonio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. a ed. — São Paulo : Hucitec Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1153797/mod_resource/content/2/Diegues%2C%20A.%20C.%20O_mito_moderno_da_natureza_intocada.pdf> Acesso em: 15/05/2023

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** - Saberes Necessários à Prática Educativa. 25a Edição. Editora PAZ E TERRA - Coleção Leitura, São Paulo, 1996.

NOGUERA, Renato. **Falando Sobre Amor**. In Exposição “Vazar o Invisível”. 5 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CYrB22pFv13/?utm_medium=share_sheet>. Acesso em: 15/05/2023

THIESEN, Juares da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2008, vol.13, n.39, pp.545-554. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782008000300010&script=sci_abstract> Acesso em: 15/05/2023

Vallente Filmes. **Guardiões da Terra** - Agroecologia em Evolução. 24 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1WMktpu_SKo> Acesso em: 15/05/2023